

UM ESTUDO DAS ESCRITURAS SAGRADAS SOB A ÓTICA DE HUGO DE SAINT-VICTOR: APROXIMAÇÕES COM O PENSAMENTO PATRÍSTICO

Ana Paula Dos Santos Viana

RESUMO

Com esta comunicação, no âmbito da história da Educação, pretendemos analisar a herança do pensamento patrístico na obra *Didascálicon Da arte de ler* de Hugo de Saint-Victor (1096-1141). Nesta obra, o mestre vitorino se dedica a refletir sobre a importância da leitura para se chegar à sabedoria (*Sapientia*), concentrando sua atenção, nos três últimos livros que compõe a obra, às regras exegéticas de interpretação na leitura dos livros sagrados. Assim, ao estudarmos Hugo de Saint-Victor procuraremos evidenciar a permanência/influência dos escritos patrísticos na educação do século XII.

PALAVRAS-CHAVE: História da educação medieval; Sagrada Escritura; Patrística; Hugo de Saint-Victor; Agostinho.

Introdução

O objetivo deste texto é analisar, por meio da obra *Didascálicon* de Hugo de Saint-Victor (1096-1141), a influência do pensamento patrístico na educação do século XII. Procuraremos, então, evidenciar a importância conferida por este mestre vitorino à leitura, para que seus alunos, da Escola de São Vitor, em Paris, possam alcançar a *Sapiência*. Por conseguinte, cotejaremos a reflexão metodológica que Hugo de Saint-Victor faz às Sagradas Escrituras, ou seja, o conhecimento referente a Deus pela leitura dos livros sagrados.

Desse modo, nos propomos a tratar de duas questões principais e que, a nosso ver, se interligam. Primeiramente, destacamos o conceito de sabedoria, que para o mestre Vitorino é o Verbo, o pensamento divino, que se alcança por meio da leitura, a qual deve ser ensinada aos alunos, mostrando a ordenação nos estudos (o que ler, como ler e por que ler). Na segunda questão, abordaremos as regras exegéticas de interpretação na leitura dos livros sagrados. Essas duas questões são intrínsecas uma a outra, pois a condição de conhecimento (leia-se Deus), para o período em tela, é a leitura.

A proposta deste estudo foi elaborada a partir de alguns fatores. Primeiramente, cumpre explicitar que são reflexões realizadas no contexto de um grupo de estudos, certificado pelo CNPq, e que suscitaram (e suscitam), em nós, questões e inquietações, as quais culminaram em uma trajetória acadêmica iniciada na graduação em Pedagogia e que se

estende ao ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação, nível de Mestrado e, por conseguinte, atualmente, Doutorado. A partir dos resultados das reflexões depreendidas naquele momento e em consonância com situações vivenciadas cotidianamente, bem como o propósito de desenvolver um estudo ao presente evento científico evidenciam, assim, os fatores que ampliaram as reflexões acerca deste estudo, principiado outrora.

Vale destacar que as discussões desenvolvidas nos encontros daquele grupo de estudos são motivadas por questões contemporâneas, cujo propósito é pensar reflexivamente sobre a educação, ou seja, é em decorrência de nossas preocupações com o pensar e o agir segundo nossos conhecimentos para o ato de educar as pessoas no tempo presente que nos debruçamos em autores clássicos¹ e, por conseguinte, voltamos nosso olhar ao passado.

Desse modo, analisaremos nossa fonte e o objeto de estudo a partir do olhar da História da Educação. Nesse sentido, tratar da educação de outro tempo histórico que não o nosso é algo complexo, uma vez que exige do estudioso o desprender-se de juízos de valores próprios do presente. Exatamente porque buscamos compreender o passado por ele mesmo que nos pautamos em autores como Bloch (2001), Políbios (1985), entre outros para fundamentar a importância da história para a educação.

[...] A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente [...] Já contei em outro lugar o episódio: eu estava acompanhado, em Estocolmo, Henri Pirenne. Mal chegamos, ele me diz: “O que vamos ver primeiro? Parece que há uma prefeitura nova em folha. Começemos por ela.” Depois, como se quisesse prevenir um espanto, acrescentou: “Se eu fosse antiquário, só teria olhos para as coisas velhas. Mas sou um historiador. É por isso que amo a vida”. Essa faculdade de apreensão do que é vivo, eis justamente, com efeito, a qualidade mestra do historiador. [...] Além de tudo, a educação da sensibilidade histórica nem sempre está sozinha em questão. Ocorre de, em uma linha dada, o conhecimento do presente ser diretamente ainda mais importante para a compreensão do passado. (BLOCH, 2001, p. 65-66).

Verificamos, nesse sentido, a aproximação entre passado e presente expresso por Bloch. Dedicar-se ao estudo da história ou se basear nela, não se resume ao fato de conhecer o passado, ao contrário, é se preocupar com o presente, com os embates do nosso tempo que se constitui a história. É, pois, nessa condição que a educação pode servir-se dela.

Entretanto, não somente alguns, mas todos os historiadores, [...] procuraram convencer-nos de que a educação e o exercício mais sadios para uma vida ativa

¹ O que se compreende por autores e escritos clássicos são aqueles que tratam da problemática oriunda das necessidades da vida cotidiana, mas, que também, consideram fundamental o conhecimento das relações humanas. Conhecimento este que visa à formação das pessoas, tendo como base ensinamentos essenciais a qualquer momento da existência humana.

estão no estudo da história, e que o mais seguro e a realidade o único método de aprender a suportar altivamente as vicissitudes da sorte é recordar as calamidades alheias (POLÍBIOS, 1985, p. 41).

Para o autor, a história expressa a essência humana, ou seja, o que consideramos a totalidade da pessoa [sua natureza corpórea e mental] em relação à existência do homem no tempo passado, presente e futuro. Nesse sentido, recorreremos à história para com ela, aprendermos, seja por meio de lições e exemplos de outras épocas, seja como método que, em cada tempo histórico, os homens viveram (e vivem) seus conflitos cotidianos. É com esse olhar que retomamos a História da Educação, no século XII, no Ocidente, para analisar a influência ou permanência do pensamento patrístico na educação cidadina deste século e, por que não dizer, na obra *Didascálicon*.

Dadas as premissas acima, situaremos a disposição deste estudo. Iniciaremos situando o contexto histórico de Hugo de Saint-Victor. Após essas ponderações, voltaremos nosso olhar à análise do conceito de sabedoria para o mestre Vitorino. Procuraremos explicitar que para o autor a sabedoria é, antes de tudo, a forma da perfeição, algo conquistado pela leitura, meditação e contemplação. A seguir, teceremos considerações acerca da sua análise à Sagrada Escritura, observando o compromisso deste mestre do século XII para explicitar e ensinar aos seus alunos a devida atenção aos gêneros evangélicos. Dessa forma, para realização deste estudo, refletiremos em que medida Hugo de Saint-Victor relaciona a sabedoria ao ato de ler e aos escritos sagrados.

Hugo de Saint-Victor e Agostinho de Hipona: reflexões e aproximações

Hugo de Saint-Victor é considerado o grande expoente da Escola de Saint-Victor, em Paris (STREFLING, 2002; LE GOFF, 2007). Este mestre medieval, segundo Marchionni (2001), juntamente a outros pensadores contemporâneos seus, interpretaram um novo papel da razão no estudo e este caminho perpassou pela leitura e a sabedoria. Preocupados em difundir a compreensão necessária a nova maneira de debruçar-se sobre os conhecimentos da natureza humana e dos outros elementos que compõem o mundo, eles discutiram sobre literatura, medicina, lógica, gramática, dialética, retórica, geografia.

A Escola de Saint-Victor, em Paris, era formada por cónegos agostinianos que viviam em uma abadia parisiense chamada Saint-Victor. Esta foi influenciada pela passagem do simbolismo da natureza para a pesquisa sobre a natureza, assim como da teologia simbólica para o debate dialético: é uma escola interna e externa, contemplativa e ativa, espiritual e

intelectual, Sapiência e ciência (MARCHIONNI, 2001). Hugo de Saint-Victor, cônego e mestre desta abadia, absorve essa influência e dela se apropria.

O mestre Vitorino era descendente de nobre, nasceu por volta de 1095, provavelmente na Saxônia, chega a Paris por volta de 1115 e morre em 1141. A fundação da Escola de Saint-Victor é datada de 1108, ano em que o arqui-diácono Guilherme de Champeaux deixa a Ilha da Cidade (Île de la Cité), onde lecionava e se acomoda em uma capela em honra de São Victor. Próximo a estas havia alguns anexos na margem esquerda do rio Sena, que dera início a então escola de Saint-Victor. Em 1113 o rei Luís VI promove o local a abadia e a entrega aos cônegos de Santo Agostinho. Em 1114 a abadia é reconhecida pelo papa Pascal II, que nomeia Galduíno como primeiro prior, enquanto o fundador Guilherme, ordenado bispo de Châlons, lá morre em 1121. Hugo Saint-Victor foi levado à abadia de São Victor, por volta de 1115, pelo arqui-diácono Halberstadt. Destaca-se que esta abadia, após alguns anos, foi anexada à abadia de Sainte-Geneviève. A abadia, como força intelectual e política, foi protegida pelos reis e pelos papas (MARCHIONNI, 2001).

O século XII – período em que o mestre Vitorino escreve – é considerado como um período de essencial transformação da Europa², e pertence a um longo período de crescimento demográfico e econômico geral, com início ao final do século X e no decorrer do XI. A base desse crescimento deve-se, segundo Verger (2001), ao desenvolvimento agrícola, ou seja, com a extensão de terras cultivadas, melhor domínio dos espaços naturais, progresso das técnicas agrícolas, altas dos rendimentos e, por conseguinte, desenvolvimento e diversificação da produção que permitiu garantir de maneira mais ou menos regular a alimentação de uma população cada vez mais numerosa.

Destacamos, assim, que o desenvolvimento e o estabelecimento do sistema feudal proporcionaram novos modos, novos costumes, novos laços (sociais) entre os homens. Podemos citar dentre esses novos laços sociais, o fato de os homens fixarem suas moradias em um determinado local, possibilitando, também, que as relações familiares se tornassem mais consolidadas. A construção de residências mais seguras gerou mais segurança para as

² [...] do nascimento ou desenvolvimento decisivo de uma cultura e de mentalidades novas [...] o século XI e sobretudo o XII redefinem para muito tempo noções essenciais que darão forma ao pensamento europeu ocidental: a idéia de natureza e a idéia da razão (LE GOFF, 2007, p. 111-112). Com a natureza também a razão, ainda mais característica da condição humana, é promovida no século XII. [...] Santo Anselmo [...] Propõe aos cristãos o “*fides quarens intellectum*” (a fé em busca da inteligência). O grande teólogo Vitorino, Hugo de São Victor, divide, no começo do século XII, a razão em razão superior, voltada para as realidades transcendentais, e razão em razão inferior, voltada para o mundo material e terreno. [...] O cristianismo no caminho da escolástica (LE GOFF, 2007, p. 118).

pessoas e, por conseguinte, na sociedade, dificultando assim, os saques e pilhagens, tornando a vida destes mais segura em sociedade.

Houve, então, uma estreita relação existente entre o amadurecimento do sistema feudal e o surgimento das cidades. As cidades estavam em processo de formação e o desenvolvimento comercial foi essencial para que isso ocorresse. Destaca-se nesse progresso, o trabalho artesanal, pois a atividade do artesão antes era uma prática local, e com as novas demandas comerciais, torna-se instrumento de troca.

Nesse sentido, Le Goff (2007) menciona que com as tensões e trocas comerciais, o artesanato confere à cidade um importante papel de produção o que, segundo o autor, proporcionou um intenso desenvolvimento comercial e urbano. Desse modo, surgiram novas necessidades sociais, dentre elas a leitura e a escrita.

É, pois, dentro dessa condição de existência e de relações sociais em que os homens medievais se encontravam que recuperaremos a obra de Hugo de Saint-Victor, evidenciando suas formulações acerca da leitura e dos escritos sagrados.

A relevância da obra *Didascálicon, da arte de ler* consiste na apresentação de conceitos e definições com a finalidade de orientar os estudantes em suas leituras, mostrando a estes como e o que ler, além de ser uma introdução ao saber, proporcionado por meio de seus escritos e a divisão da obra, por assim dizer, apresenta um currículo medieval, pois o mestre se preocupa com a formação de seus alunos e se pauta nas artes liberais (*trivium* e *quadrivium*), e, assim, se inclinam à máxima de pensar e agir, cuja finalidade constitui o seu método: conhecer tudo ou o máximo possível para direcionar as ações humanas.

Cumprе salientar uma primeira aproximação entre Hugo de Saint-Victor e um dos expressivos teóricos da tradição patrística, Agostinho de Hipona³. Observamos que este também nos brinda com um modelo de estudos necessário, a nosso ver, à aprendizagem. Nesse sentido, Agostinho ressalta a importância da linguagem, do conhecimento da escrita, do cálculo, da música, o cuidado de saber a língua com a qual realizará seu estudo e, por conseguinte, as traduções. E como estamos nos remetendo à educação, Agostinho também resguarda a questão da memória como vetor essencial à preservação do conhecimento. Essas etapas apresentadas por Agostinho estão pautadas no *trivium* e *quadrivium*, o que revela a

³ Agostinho (354-430), Bispo de Hipona, situado no norte da África, é conhecido universalmente como Santo Agostinho. É visto como um dos pensadores mais importantes da Antiguidade cristã, na medida em que seu legado teológico, filosófico contribuiu expressivamente para construção da cultura ocidental. Em face da consolidação do cristianismo no fim da Antiguidade, Agostinho e os demais Padres da Igreja colaboraram para uma nova orientação no processo formativo, formação esta desenvolvida por meio da santificação do homem. Contudo, este processo preservava os elementos do pensamento antigo, estabelecendo um equilíbrio entre a herança da cultura clássica e a religião cristã.

aproximação desses dois autores e que, portanto, é visto como um programa de estudos que embasa o ensino no medievo.

Em *Didascálicon* há muitas questões que poderiam ser debatidas. Entre estas encontramos formulações importantes para a formação intelectual e humana. Dentre elas, destacamos a sabedoria. Cumpre mencionar que a conotação de sabedoria ao qual o mestre Vitorino se refere, evidentemente, é de chegar a Deus, pois para os homens medievais do século XII, toda sabedoria procedia de Deus e alcançá-la significava encontrá-lo por meio do saber, tanto que Hugo de Saint-Victor esclarece que *Sapiência* é a Mente Divina “[...] porque [...] em maneira clara é expresso o advento de Cristo, que é a *Sapiência* do Pai”. (HUGO DE SAINT-VICTOR, *Didascálicon*, L. IV, c. 8, § 10).

Observamos com este conceito o quanto do pensamento patrístico o mestre Vitorino conserva, pois embora tenhamos mencionado a palavra *sabedoria*, em toda obra não encontraremos este termo, mas sim *Sapientia*, pois:

[...] O termo *sabedoria*, mais usual na língua portuguesa falada, não traduziria bem a pregnância do latim *Sapientia*, como é usado por Hugo de São Vitor na esteira da tradição patrística [...] Em Agostinho e em Francisco de Assis, por exemplo, Jesus, o Verbo e Filho de Deus, é invocado como “a *Sapiência* do Pai” (*Sapientia Patris*), expressão que também encontramos no *Didascálicon* da arte de ler. (MARCHIONNI, 2001, p. 10).

É necessário, também, considerar que para o mestre Vitorino é o intelecto que leva o homem a Deus e proporciona toda natureza de conhecimento: a religiosa e a filosófica. Assim, devemos usar o intelecto para tomar decisões, quando necessárias, agir e viver com o outro. Afinal, é esse conhecimento/discernimento proporciona aos homens a capacidade da convivência social.

Com efeito, esse debate se justifica por entendermos que o conhecimento e, conseqüentemente, a leitura estão intrínsecos ao pensamento, ao saber essencial à formação da pessoa, neste caso, do cristão. Desse modo, acreditamos que as formulações que este mestre trilhou e as evidenciou, tenha influenciado sua época e de outros autores que lhe era contemporâneo acerca desta questão, sobre o conceito e os sentidos de sabedoria e a ordenação dos estudos.

Assim, com base na leitura da obra do mestre Vitorino, a sabedoria ainda que seja divina é humana. É divina porque o mundo, neste período, é explicado pela religiosidade cristã e, também, é humana porque é explicitado a partir de seu contexto social do medievo. Athayde (2007, p. 180, grifo nosso) menciona que Hugo de Saint-Victor:

[...] sustenta que a alma humana é por natureza dividida em sentido e inteligência. Essa divisão estabelece os modos de sua atuação. Desta forma, o homem atua pelos sentidos quando se aplica às coisas sensíveis (razão humana), tratando de sua manutenção e preservação no mundo material, e pela inteligência (razão divina), quando almeja as coisas intelectíveis, a Mente Divina: “Dividida a alma, ela reúne o seu movimento em dois círculos”, “pois, seja que pelos sentidos ela se volte para as coisas sensíveis, seja que pela inteligência ascenda às coisas invisíveis, ela circula trazendo para si a semelhança das coisas”.

Os homens são seres dotados de intelecto, como bem demonstra o excerto. Afinal, observamos na passagem acima que o pensamento/intelecto é fruto da razão divina, pois a mente é capaz de captar todas as coisas, e também é humana, pois é formada de substância e natureza (HUGO DE SAINT-VICTOR, *Didascálicon*).

Dessa forma, observamos mais uma questão que aproxima os dois autores (Hugo de Saint-Victor e Agostinho). A Sagrada Escritura para Agostinho, também, se equipara ao entendimento de sabedoria há pouco mencionado por Hugo de Saint-Victor, ou seja, ambas são divina e humana, pois revela as palavras de Deus, e este não falou por si, mas a fez elegendo homens para proferi-las, e delas se apropriarem, por meio dos ensinamentos sagrados. Assim, a Sagrada Escritura é um documento divino e humano por expressar a voz emanada por Deus aos homens. É o que se observa quando Agostinho menciona n’*A Doutrina Cristã* (L. I, c.13, p. 61):

Como veio ele? “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo, 1, 14). Assim como, ao falarmos, o pensamento de nossa inteligência (*quod animo gerimus*) torna-se som, isto é, palavra sensível que penetra no espírito dos ouvintes pelos ouvidos corporais e, entretanto, esse som trazemos no coração e é chamado linguagem [...] revestindo a forma de voz para tocar o ouvido dos outros sem nenhum traço de alteração, assim a Palavra de Deus, sem mudar de natureza, fez-se carne para habitar entre nós.

Podemos analisar essa passagem em dois momentos, ou dito de outro modo, observamos nela duas questões essenciais. Na primeira, percebemos que Agostinho busca fundamentação nas Sagradas Escrituras para formar o cristão e, por isso, Deus é o elemento essencial para se chegar ao conhecimento. Na segunda, ao mencionar que o “Verbo se fez carne e habitou entre nós”, ele expressa Cristo como elemento de representação da sociedade, uma vez que ele é o ponto de partida para que essa sociedade tenha conhecimento, pois para o autor, o Criador é a expressão máxima de toda sabedoria, afinal, estamos diante da Trindade: Deus é Pai, Filho e Espírito Santo, como una e suprema realidade, isto é, o bem comum a todos (AGOSTINHO, Livro, I, c. 5). Observamos essa questão, nas Sagradas Escrituras, ao

considerarmos a carta aos Romanos: “Porque todas as coisas vêm dele, por meio dele e vão para ele [...]” (Rm 11, 36).

Dentro dessa perspectiva, Hugo de Saint-Victor também procurou fundamentar, filosoficamente, o entendimento sobre a sabedoria, sempre mostrando que Deus era e continuava sendo o ponto de explicação e que os homens deveriam ler tudo e todos, para saberem distinguir o que é bom do que é ruim, isto é, ter a capacidade de discernimento, chegando assim a um pensamento reflexivo.

Hugo de Saint-Victor indica cinco fases nos estudos para se chegar ao conhecimento, a saber: “1) a leitura ou instrução, 2) meditação, 3) a oração, 4) a prática, 5) a contemplação”. O primeiro concerne o entendimento; o segundo propicia o discernimento; o terceiro refere-se à súplica, ou seja, elevar seu pensamento a Deus; o quarto diz respeito à procura e o quinto é o encontro/alcance deste empenho. Para que os cinco estágios sejam realizados, Hugo de Saint-Victor recomenda um caminho a ser seguido, pois para ele, “o modo de ler consiste em dividir”.

Toda divisão começa das coisas finitas e progride até as infinitas. Tudo aquilo que é finito é mais conhecido e mais compreensível pela ciência. A aprendizagem começa das coisas que são mais nota e, pelo conhecimento delas, chega ao conhecimento das coisas ocultas. (HUGO DE SAINT-VICTOR, L. III, c. 9, § 2).

Para o mestre vitorino o caminho metodológico para o aprendizado condiz em iniciar pelas coisas singulares (mais conhecidas, ‘finitas’) para então chegar às mais abrangentes, mais complexas (‘infinitas’). Vale lembrar que estabelecido o escrito para a leitura, o método e a ordenação são requisitos essenciais para o estudo, no qual Hugo de Saint-Victor enfatiza as regras necessárias ao ato de ler: “São três as regras mais necessárias para a leitura: *primeiro*, saber o que se deve ler; *segundo*, em que ordem se deve ler, ou seja, o que ler antes, o que depois; *terceiro*, como se deve ler”. (HUGO DE SAINT-VICTOR, Prefácio).

Ao mencionar a ordenação dos estudos, percebemos mais uma aproximação de Hugo de Saint-Victor com o pensamento patrístico, especialmente com a autoridade de Agostinho que, em sua obra *A doutrina cristã*, também se inquieta com apreensão do conhecimento e, a nosso ver, apresenta um roteiro de como se deve proceder para aprender. Preocupado com a formação do cristão, Agostinho assegura que este só se torna um cristão quando consegue entender as mensagens contidas na *Sagrada Escritura*. Afinal, torna-se cristão na medida em que faz uso da leitura e, por conseguinte, da compreensão dos escritos sagrados.

A primeira observação a ser feita quanto a essa busca e empresa é, como já dissemos, tomar conhecimento dos Livros santos. Se, a princípio, não se conseguir apreender o sentido todo, pelo menos fazer a leitura e confiar à memória as santas palavras (AGOSTINHO, L. II, c. 9).

Em consonância aos ensinamentos do bispo de Hipona, Hugo de Saint-Victor assinala que “Deve-se saber que no elóquio divino não apenas as palavras, mas também as coisas têm significado, fato que não costuma ocorrer em outros escritos” (HUGO DE SAINT-VICTOR, *Didascálicon*, L. V, c. 3, § 1). Dessa forma, o mestre Vitorino (*Didascálicon*, L. V, c. 6, § 1) atesta que “Quem se aproxima da leitura divina para ser formado, deve, antes de tudo, conhecer o seu fruto”, ou seja, todo escrito e, por conseguinte, toda leitura tem que ser elaborados a partir de uma finalidade. O fruto da Sagrada Escritura, segundo o mestre, está compreendido em dois aspectos: o de instruir a mente com o conhecimento e adornar com os bons costumes, com isso, os livros sagrados ensinam aquilo que agrada o saber e as virtudes necessárias à formação da pessoa. Dito de outro modo, as *Escrituras* são um meio para corrigir os costumes, proporcionando o entendimento para se chegar à perfeição.

Contudo, para entender a Sagrada Escritura, o mestre Vitorino apresenta as regras exegéticas de interpretação na leitura dos livros sagrados, apontando número e ordem dos livros; o tríplice método no estudo das Escrituras Sagradas; às sete regras utilizadas pelas locuções das Escrituras; significado dos nomes dos livros sagrados, concílios, escritos autênticos e apócrifos. E mais, o mestre ressalta que devem conhecer, antes de tudo, o nascimento de Cristo, a paixão, a ressurreição e a ascensão, e as coisas que fez na carne e pela carne. Para então, dar início aos estudos (livros sagrados).

De acordo com Hugo de Saint-Victor, as Escrituras Sagradas são aquelas produzidas pelos cultores da fé cristã, a autoridade da Igreja as recebeu para serem computadas no número dos livros sagrados e as conservou para serem lidas em fortalecimento de sua própria fé. A Escritura Sagrada constitui em dois Testamentos, o Velho e o Novo, os quais se dividem, segundo o mestre Vitorino, em três partes cada uma. O Velho Testamento contém a lei, os profetas e os hagiógrafos. O Novo, por seu turno, compreende o evangelho, os apóstolos e os padres.

A autenticidade dos escritos sagrados, para o mestre Vitorino, está pautada na concepção de engenho e conhecimento; os escritos apócrifos são aqueles que não foram redigidos por meio do Espírito Santo, para que instruisse os preceitos e a regra do viver. Portanto, os escritos que destoam desse propósito são chamados apócrifos, pois são vistos como segredos, porque parecem duvidosos, ou seja, a origem deles é desconhecida. Dentre

esses escritos, Hugo de Saint-Victor menciona os evangelhos de Tomé, André, Luciano, Ício, Tadeu; os livros chamado O fundamento, O tesouro; os opúsculos de Tertuliano, de Postumiano e Galo, de Cassiano, de Vitorino de Poitiers, entre tantos outros.

Segundo Hugo de Saint-Victor, há três modos de entender as Sagrada Escritura, o tríptico método: o modo histórico; o modo alegórico e o modo tropológico (moral). Contudo, o autor faz a ressalva que nem todos os textos podem ter simultaneamente essas três interpretações. Com relação ao primeiro modo, o histórico, o mestre Vitorino destaca que é mister aprender a história e a verdade dos fatos, retomando do começo ao fim o quê, quando e onde foi feito e por quais pessoas. Portanto, na história deve-se recuperar a pessoa, o fato, o tempo e o lugar. Entretanto, no sentido e significado amplo desta palavra, a história não se resume apenas a narração dos fatos, mas ao sentido da(s) narração(ões) que se expressa(m) pela propriedade das palavras.

O segundo modo, o alegórico, Hugo de Saint-Victor ressalta que o estudo exige mentes ‘maduras’ com sutileza na investigação, sem perder a prudência, o discernimento, ou seja, é mais pertinente a ordem do conhecimento, para que então, investigue os ‘mistérios’ contidos nas palavras dos escritos. Portanto, isso requer reflexão. E o terceiro e último modo, a tropologia⁴, esta está direcionada à moral, a justiça, isto é, “[...] relaciona-se mais ao significado das coisas que o significado das palavras” (HUGO DE SAINT-VICTOR, *Didascálicon*, L. V, c. 5, § 2).

Em consonância aos modos de entender a Sagrada Escritura, encontram-se algumas regras exegéticas apontadas pelo mestre Vitorino: 1ª) O Senhor e seu corpo, ou seja, numa só pessoa manifesta a cabeça e o corpo, Deus e a Igreja, portanto, o prudente deve entender o que cabe à mente (cabeça) e o que cabe ao corpo em que o discernimento tem papel preponderante; 2ª) O corpo verdadeiro e corpo místico do Senhor, expresso por Cristo em matéria e espírito (“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo, 1, 14)); 3ª) A letra e o espírito, ou seja, a lei e a graça; 4ª) A espécie e o gênero, pela qual é tomada pelo todo e o todo pela parte, quando Deus fala, por meio dos escritos sagrados, a um povo ou a uma cidade, seu propósito é abranger o mundo inteiro; 5ª) Os tempos, pela qual ou uma parte expressiva de tempo é indicada por uma menor, ou por meio de uma parte mínima de tempo

⁴ O modo tropológico, ou seja, a moralidade parece relacionar-se mais o significado das coisas que o significado das palavras. Assim, o significado das coisas encontra-se aquela justiça natural, segundo Hugo de Saint-Victor, origina-se a nossa disciplina moral, uma justiça positiva. Dessa forma, “Contemplando aquilo que Deus fez, conhecemos aquilo que devemos fazer. A natureza inteira fala de Deus, toda a natureza ensina ao homem, toda a natureza produz razão, e nada no universo é infecundo” (HUGO DE SAINT-VICTOR, *Didascálicon*, L. VI, c. 5, § 3).

se entende uma parte maior (como é o caso do tríduo do sepultamento do Senhor, porque mesmo tendo ele jazido por três dias no sepulcro, a partir de uma parte fala-se de um tríduo completo); 6ª) A recapitulação, isto é, quando a Escritura retorna àquilo cuja narração já transmitiu, já foi mencionada anteriormente; e a 7ª) O diabo e o seu corpo, pela qual frequentemente se dizem da cabeça coisas que convém mais ao seu corpo, isto é, refere-se ao pecado que instaura na mente, mas é o corpo que muitas vezes torna o pensamento pecaminoso em materialidade.

Assim, a Sagrada Escritura deve ser lida por aqueles que nela procuram o saber, mas para que a *Sapiência* faça morada e dê frutos é necessário passar por estágios, ao qual o mestre Vitorino chama de ordenação nos estudos ou método, afinal, saber pressupõe conhecimento e este, por sua vez, é alcançado pelo ato de ler, pela meditação, contemplação e, principalmente, reflexão. Mas, para isso tem que estar disposto, e a disciplina faz parte desse requisito. Portanto, a sabedoria está entrelaçada com o ato de ler e com os livros sagrados, uma vez que a primeira expressa a Mente divina, o advento de Cristo e chegar a ela só é possível com a leitura, especialmente, a das *Escrituras*.

Considerações finais

Ao abordar a *Sapiência* como fundamento norteador das ações humanas, Hugo de Saint-Victor o faz a partir da perspectiva da tradição patrística, em que procuramos evidenciar essa influência nas formulações de um dos expressivos teóricos da tradição patrística: Agostinho de Hipona. Imbuído dessa influência Hugo de Saint-Victor sistematiza um programa de estudos com uma metodologia do saber, aos quais foram amplamente explicitados no *Didascalicon* como um currículo medieval de estudos (VERGER, 2001; MARCHIONNI, 2001; LE GOFF, 2007).

Desse modo, procuramos explicitar, com este estudo, a Sagrada Escritura como fonte de conhecimento no processo formativo dos alunos da Escola de São Vitor, em Paris, ou seja, homens do século XII; processo este em que a Sapiência é o principal preceito educativo, pedagógico para ensiná-los em seu agir cotidiano.

Pudemos, então, constatar que “A Sapiência ilumina o homem para que conheça a si mesmo, ele que, quando não sabe que foi feito acima das outras coisas, acaba achando-se semelhante a qualquer outra coisa” (HUGO DE SAINT-VICTOR, *Didascalicon*, L. I, c. 1, § 3). Nesse sentido, observamos que é necessário buscar a Sapiência porque, de acordo com o

mestre Vitorino, ela é a nossa origem, conhecendo-a, conheceremos a nós mesmos (nossa natureza humana).

Para o mestre vitorino o homem se torna humano a partir do conhecimento e da virtude, ou seja, sua natureza humana, sua racionalidade é adquirida pelo intelecto por meio de um comportamento virtuoso. Desse modo, nos tornamos humanos pela sabedoria e esta é alcançada, para os homens medievais do século XII, ao aproximar-se de Deus. Dito de outro modo, sem o conhecimento não tem como ensinar o homem.

Desse modo, observamos que Hugo de Saint-Victor foi um dos pensadores que possibilitou, com seus ensinamentos e as oportunidades existentes de sua época, proporcionar que a aprendizagem perpassasse pelas questões da própria natureza humana e que a leitura, em especial dos escritos sagrados, são essenciais para a formação intelectual. Para tanto, discorreu sobre a ordenação nos estudos, as regras para se debruçar sobre a Sagrada Escritura.

Assim, as discussões do mestre Vitorino propiciaram, especialmente, aos seus estudantes ler e refletir sobre o escrito, conhecer, antes de julgar, levando seus alunos a entender que era preciso um pensamento reflexivo: a meditação. Comprometido com seu tempo histórico mostrou a seus alunos novos caminhos que deveriam trilhar. Ele, juntamente, com contemporâneos seu, interpretaram um novo papel da razão no estudo e este caminho perpassou pela leitura e a sabedoria. Essa preocupação em que Hugo de Saint-Victor se deteve as discussões a respeito da sabedoria e da ordenação nos estudos, que estão entrelaçadas diretamente ao intelecto é o que conduz ao saber divino, para os homens medievais.

Nosso olhar para educação também revela preocupações/inquietações. Se para o mestre Vitorino era ensinar com organização e sabedoria, nos nossos dias, por meio dos dados estatísticos e nos noticiários⁵, é em que medida nos direcionamos à formação que está sendo

⁵ Taxas de analfabetismo no Brasil: 10 a 14 anos (3,9%); 15 ou mais (9,6%). Fonte: PNAD/IBGE – 2010. Em notícia divulgada pela BRASIL BBC no dia 10/02/2016, o Brasil é um dos países que mais reduziram o número de alunos sem conhecimentos básicos de matemática. Mas ainda é um dos últimos colocados em um ranking de competências nessa disciplina, aponta estudo da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). O número de alunos brasileiros na faixa de 15 anos que estava abaixo do nível de conhecimentos básicos em matemática caiu 18% entre 2003 e 2012 (último dado disponível). A OCDE considera que, para chegar ao primeiro nível, os alunos têm de saber mostrar competências básicas como uma operação de adição (BRASIL BBC, 2016). Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160209_ocde_alunos_baixa_performance_pai_df>. Acesso em: 27 abr. 2016. Em 2012, a taxa de abandono escolar atingiu 24,3%. Índice que se torna ainda mais preocupante se comparado com países vizinhos, como Chile (2,6% de evasão), Argentina (6,2%) e Uruguai (4,8%). Entre 1,6 milhão de alunos do ensino básico que abandonaram a escola no ano passado, mais de 1,5 milhão cursava a rede pública, tanto no nível fundamental (762 mil), quanto no médio (760 mil). Fonte: Diário Oficial da União. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2013/11/mec-cria-grupo-para-examinar-causa-de-evasao-escolar>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

recebida e transmitida? Será que estamos presenciando um período no qual as pessoas não estão com a mente tão flexível ao saber, à educação?

Certamente, não temos uma resposta ou resolução para apresentar, pois correríamos o risco de ficar apenas no plano ideal, mas nosso olhar de educador para essa realidade é de buscar alternativas que possibilitem tanto a construção de novos valores que possam orientar os homens em suas ações, como a elaboração de uma nova compreensão da educação para que esta possa estar em sintonia com as novas exigências da sociedade. Os princípios éticos e morais, juntamente com o incentivo a leitura são passos intrínsecos para uma formação mais consistentes. Nossa preocupação com os dados é justamente em constatar que a leitura não faz parte do cotidiano escolar e que por vezes é vista como algo desagradável, entediante. O que está posto na ordem do dia, a nosso ver, é a formação que estamos recebendo e transmitindo.

Esperamos ter deixado explícito a influência do pensamento patrístico e da importância da leitura em Hugo de Saint-Victor para a formação humana e intelectual, pois a leitura é um dos princípios educativos para chegar à *Sapiência* e este é um conceito intrínseco ao pensamento patrístico. Contudo, ressaltamos que não temos a intenção de eternizar os ensinamentos deste mestre medieval, afinal, é sabido que as considerações de um autor são válidas como soluções para o seu determinado tempo histórico. Portanto não nos servimos das formulações do mestre Vitorino para cristalizá-la como verdade absoluta, mas para buscarmos a essência histórica de suas formulações: a sabedoria é alcançada por meio da leitura, pois somos dotados de intelecto. É justamente este aspecto intelectual que nos permite aprender e ensinar.

REFERÊNCIAS

ATHAYDE, W. R. A Sapiência e as Sete Artes Liberais segundo Hugo de São Vítor. **Humanidades em diálogo**, vol.I, nov. 2007.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

BLOCH, M. **Apologia da história**, ou, O ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

HUGO DE SAINT-VICTOR. **Didascálicon**: Da arte de ler. Petrópolis: Vozes, 2001.

LE GOFF, J. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MARCHIONNI, A. Introdução. In: HUGO DE SAINT-VICTOR. **Didascálion**: Da arte de ler. Trad. Antonio Marchionni. Petrópolis: Vozes, 2001

POLÍBIOS. **História**. Brasília: UnB, 1985.

SANTO AGOSTINHO. **A Doutrina Cristã**: manual de exegese e formação cristã. São Paulo: Edições Paulinha, 1991.

STREFLING, S. R. **Igreja e poder**: plenitude e soberania popular em Marsílio de Pádua. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. Disponível em:
<<https://books.google.com.br/books?id=DD7cCScAVV0C&pg=PA37&dq=expoente+da+esc+ola+de+saint-victor&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjQ0Iypw-bLahWGIpAKHfNMAMeQ6AEIJjAA#v=onepage&q=expoente%20da%20escola%20de%20saint-victor&f=false>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

VERGER, J. **Cultura, ensino e sociedade no Ocidente nos séculos XII e XIII**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2001.